

# Glosas sobre dois sonetos de Luís Camões

Interpretados à luz dos valores  
da sociedade da informação

Carlos Correia

profcarloscorreia@gmail.com

Escritor e professor na FCSH/UNL onde dirige o Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas. Alguns dos seus trabalhos publicados nas áreas multimédia e literária foram premiados em Portugal e no estrangeiro. <http://www.carloscorreia.net>.

**Resumo:** O artigo analisa as perspectivas comunicacional, cultural, sociológica e tecnológica geradas em torno da chamada «Sociedade da Informação». Face às últimas linhas evolutivas da Internet, o Autor identifica e contextualiza os rituais da passagem da *Web* 1.0 para a *Web* 2.0, tanto ao nível dos procedimentos, como dos modelos de negócio a eles associados. Caracterizam-se os caudais informativos que circulam instantaneamente por todo o mundo e que possuem afluentes de dois tipos: aqueles que são produto dos órgãos de comunicação de massas e os que são o produto da comunicação individual. Se até há uma década não se ousava questionar o poder absoluto dos meios de comunicação de massas, hoje a sua real importância é questionada face à emergência de formas individualizadas de comunicação, características da sociedade da informação e que conheceram novo impulso com a emergência da blogosfera.

**Palavras-chave:** Internet; *Web* 2.0; pesquisa; blogosfera; *self media*.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da esperança;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem – se algum houve – as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria,  
e em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
outra mudança faz de mor espanto:  
que não se muda já como soía.

O soneto transcrito contém algumas chaves que ajudam a esclarecer as linhas de rumo da Sociedade da Informação e tal facto foi a condição necessária e suficiente para que, à sua volta se alinhavassem as glosas que a seguir se podem ler. Em jeito de intróito – e especialmente para aqueles que já esqueceram (ou nunca estudaram) a arquitectura do verso camoniano – aqui se desenvolve uma pseudo nota de rodapé, embebida no corpo do texto, apenas para recordar que o poema obedece a uma geometria de construção rigorosa. Estrutura-se em duas quadras e dois tercetos. A rima é entrelaçada nas duas primeiras quadras, ou seja, o primeiro verso rima com o quarto e o segundo com o terceiro – segundo o esquema [abba, abba] e nos dois tercetos a rima é cruzada, ou seja, o primeiro verso do terceto rima com o terceiro e o segundo verso do segundo terceto, enquanto o segundo verso do primeiro terceto rima com o primeiro e o terceiro verso do segundo terceto, segundo o esquema [cdc] e [dcd].

Se não existem dúvidas sobre a complexidade da construção do soneto, outros modelos existem um pouco mais flexíveis, mandam as regras fixas da medida nova – também chamada de medida italiana – que se guarde a chave (ideia fundamental) no corpo dos dois tercetos. O ritmo espraído do pensamento de Camões cabe por inteiro nas larguezas do verso decassilábico, cuja métrica convida a um tempo musical com toantes e consoantes embebidas em cada sílaba, muito acessível a ouvidos bem treinados nas voltas da escansão poética.

Se é certo que esta introdução pode à partida afastar leitores alérgicos à lírica, que recordam o estudo da poesia associando-o ao sabor do óleo de fígado de bacalhau e às borbulhas adolescentes tão comuns em muitos rostos, não é menos certo que, ao justapor um pequeno choque

literário ao choque tecnológico agora na moda, se procura também demonstrar como é imperioso reconciliar os dados do pensamento humanista com o científico, ou seja, reconciliar pensamento com pensamento numa tentativa, de finalmente, se assumir a visão binocular onde até agora medra o racionalismo de via reduzida da tecnocracia reinante.

Lamenta-se que de tão citado, o soneto já transpire alguns bolores. Mas será da promessa dos fungos – germinados em bolores aparentemente inúteis – que advém a atracção pela poesia de Camões?

Fleming, dos primeiros a investigar a putrefacção orgânica até conseguir a decantação da santa penicilina responderia afirmativa e convictamente porque no contexto poético os olhares mais despertos para o verso do reverso da ciência intuem chaves que, neste contexto, esclarecem aspectos da «Sociedade da Informação». Foi a partir desta constatação que se iniciou a redacção do artigo, ao arrepio dos mandamentos tecnocráticos dos tenores da moda porque na presente situação é evidente a olhares mais afinados em dobrar e desdobrar as glosas da poesia que só nas intersecções da cultura com a ciência e a tecnologia se conseguem desenvolver progressos substanciais.

Camões manifesta a sua perplexidade face às mudanças do tempo e esse continua a ser um sentimento experimentado pelo cidadão da sociedade global, que trabalha nas regiões desenvolvidas do mundo e vive os tempos da mudança com alguma angústia: a conceptualização do tempo individual parece querer ultrapassar os limites do humano. Neste contexto, vale a pena comparar o tempo dos computadores com o tempo das pessoas: se, no decorrer de uma conversa, eu fizer uma pausa de um segundo, tal facto não tem qualquer espécie de significado, ao passo que um segundo a menos no tempo da computação significa invariavelmente vários milhões de ciclos retirados à capacidade de cálculo da máquina.

O cidadão com vivências integradas na sociedade da informação tem tendência a perceber o seu tempo psicológico ao ritmo computacional da previsão formulada por Gordon Moore:<sup>1</sup> o indivíduo sujeita-se a acelerações em que experimenta resolver problemas em múltiplos cenários, como se disputasse partidas simultâneas de xadrez. Tal actuação, hoje designada como «multitarefa», possui inevitáveis consequências no stress, sentido a curto ou médio prazo. A este ritmo, o tempo da Sociedade da Informação parece nunca ser suficiente porque a capacidade humana de gerir a multitarefa é quase sempre derrotada pela pressão da

---

(1) Em 1965 Gordon Moore, co-fundador da Intel previu que o número de transístores alojados num chip iriam duplicar todos os dezoito meses e que a capacidade de processamento iria melhorar ao mesmo ritmo. A previsão confirmou-se e, segundo os especialistas, ainda irá manter validade no decorrer das duas próximas décadas.

pressa e a corrida contra o relógio transforma-se numa competição em que as competências se viram contra o próprio indivíduo. Invariavelmente chega sempre aquele dia em que a partir de uma qualquer falha orgânica tudo rui porque, como ensina o poeta, «em mim converte em choro o doce canto».

Associada à gestão complexa do tempo, o indivíduo enfrenta outros factores de instabilidade ao nível dos laços que o ligam ao emprego. Daqui decorre a noção de precariedade, um dos vectores determinantes da crise patente nas sociedades desenvolvidas dos EUA, Europa, Japão e Australásia.

A aceleração do tempo atrás enunciada, catalisa a má digestão que a maioria está a fazer da perda da estabilidade, ao nível do emprego. A relação entre empregador e empregado ganha aqui e agora novo entendimento: o conceito de precariedade que a mudança arrasta, assume perspectivas que necessitam de ser objecto de análise. Na perspectiva do trabalhador ainda não houve tempo para digerir a ideia de que apenas um emprego para toda uma vida activa foi «chão que já deu uvas».

Será interessante recordar que Camões escreveu «continuamente vemos novidades / diferentes em tudo da esperança.(...) Do mal ficam as mágoas na lembrança / e do bem – se algum houve – as saudades.»

Os versos citados aplicam-se bem às consequências da perda de segurança do emprego, factor de instabilidade relacional e orçamental que reforça a insustentável leveza de um tempo já de si fortemente acelerado. E, se na perspectiva do «colaborador»,<sup>1</sup> esta circunstância significa ameaça crónica de despedimento, convém neste contexto esclarecer que na perspectiva da empresa e do empresário a situação precária não tem tantas vantagens como parece.

A análise demonstra que quando o trabalhador de qualidade assimila as novas regras do jogo, o conceito funciona como máquina para centrifugar competências das empresas. Os melhores «colaboradores», cientes do seu valor, aprenderam a declinar por inteiro as novas regras da precariedade pelo que entram e saem das empresas a um ritmo nunca antes visto, provocando instabilidade crónica nos recursos humanos. E, em muitos casos, já nem são as condições económicas a motivar a partida. Por vezes, basta um atrito com a hierarquia para que o colaborador accione os mecanismos da mudança. Acabou o tempo em que havia uma relação

---

(1) «Colaborador» é um termo na moda e que algum patronato pretende, através dos media que detém, impor como uma nova designação para substituir o termo trabalhador.

de trabalho baseada em valores porque a precariedade difunde uma ordem que desconhece quaisquer valores que se situem além do ordenado mensal e eventuais prémios. Hoje, numa sociedade em que matar ou morrer é a regra que rege a relação patrão/empregado, o que realmente conta são os múltiplos pedidos/promessas de emprego, que cada um guarda na respectiva cartucheira.

Visto na perspectiva da Sociedade Global em que o mercado de emprego se transformou, o problema é ainda mais complexo. É certo que quando se analisa a questão a este nível se fala apenas de uma minoria: os trabalhadores fora de série, que lideram os projectos com alto valor integrado de criatividade e inovação. Este tipo de competências excepcionais é o melhor capital das nações, aquele que define e determina os novos caminhos do progresso e da riqueza.

Ora constata-se que o capital intelectual de grande qualidade está a ser sugado por dois aspiradores gigantes: um tem sede nos países do Norte da Europa, o outro nos EUA. As rotas da emigração dos melhores dos colaboradores precários desenham-se em direcção a dois destinos principais: o Norte da Europa com drenos distribuídos pela Inglaterra, Alemanha, países nórdicos, e o novo Eldorado de Silicon Valley e regiões congéneres da América.

Das terras do faroeste surgiram os novos pistoleiros da Sociedade do Conhecimento – os *head hunter*. Estes caçadores de cabeças já não afinam pontaria nas silhuetas dos índios, os que sobejaram são bastantes para as manifestações de folclore regional. Aliás, a cor da pele pouco lhes importa. Caçam a nível planetário, usam centrais de informação que funcionam como carabinas de alta precisão e, assim que farejam uma presa de valor, esteja ela em que ponto do planeta estiver, disparam argumentos irresistíveis ao nível das condições económicas. As consequências da eficácia dos *head hunter* medem-se pelo número de cabeças estrangeiras a laborar nas grandes multinacionais e, mais recentemente, nas listas de investigadores das melhores universidades norte-americanas. Em ambos os casos se constata que os nomes com origem anglo-saxónica estão em regressão progressiva. Assim se esvai o que há de melhor em inteligência e formação e que tanto dinheiro custa aos contribuintes dos países pobres do resto do mundo. Razão teve a escritora Irene Lisboa ao referenciar que no final se fica com «uma mão cheia de nada, a outra de coisa nenhuma»... Analisada nesta perspectiva global, constata-se que a precariedade das relações de trabalho serve sobretudo a lei do mais forte.

Se tempo e emprego já não são o que «soíam» ser, então o que dizer do terceiro pilar – a família – que estrutura psicologicamente o indivíduo?

A identidade do Eu, construído segundo valores primordiais dos séculos XIX e XX, assentava sobre a organização unilinear do tempo, a estabilidade do emprego, a segurança dos laços familiares e na certeza da solidez das raízes da nação que nos viu nascer. Na Sociedade da Informação, com o esboroar progressivo destas traves-mestras vive-se agora uma insustentável leveza de conceitos e de valores, marca inconfundível da primeira década do novo século. Percebida como a célula essencial à estruturação do tecido social, a família entrou em crise ao nível, não só dos valores, como da própria identidade. Os sociólogos constataam implosões em quatro sedimentos da célula familiar:

- a) Núcleo reduzido à sua expressão mínima [pai + mãe + filho(s?)], com tendência a centrifugar ascendentes;
- b) As ausências prolongadas dos progenitores, afastados do lar por razões profissionais;
- c) Percentagem crescente de divórcios com a assunção monoparental deles decorrentes;
- d) Perda progressiva da proeminência da autoridade masculina.

Não é objecto do artigo aprofundar cada uma das áreas de implosão da célula familiar. Entretanto, creio ser oportuno recordar que ao centrifugar ascendentes – anulando o culto do *Mos Maiorum*<sup>1</sup> – o núcleo familiar contemporâneo está a mutilar experiência e sabedoria preciosas, que sempre transitaram de geração para geração. E não serão as múltiplas «avós electrónicas – televisão, PlayStation, Internet...» a colmatar as ausências prolongadas dos progenitores, afastados dos lares por imperativos profissionais. A célula familiar, privada da presença das suas personagens mais idosas, actua segundo dois eixos principais: se não tem possibilidades económicas deixa os filhos entregues à rua; se o orçamento familiar suporta algum esforço extraordinário entregam-se as crias a actividades extra escolares, que se traduzem numa correria continuada, após a conclusão do período escolar: do ginásio para a música, da música para o ténis, do ténis para a piscina.... Alumia-se a cabeça electrónica das «avós mediadas electronicamente» que contam todo o tipo de estórias – as saudáveis e as outras – para deste modo ocupar o que resta do tempo livre ao fim da tarde, início da noite. E quando as exigências superlativas dos horários de trabalho do pai e da mãe finalmente lhes permitem o regresso a casa, ou já têm as crias deitadas, ou a hora

---

(1) A expressão de origem latina tem origem na civilização romana. Traduz o culto e o respeito que, as sociedades anteriores prestavam aos seus cidadãos mais velhos, considerados como fonte de experiência e sabedoria e que foram – até há uma geração atrás – respeitosamente escutados por todos os membros da sociedade, em especial pelos mais novos.

de ir para a cama está já ali, ao virar da correcção do último dever escolar.

Vividas a este ritmo, as relações do núcleo familiar são objecto de usura intensa e, frequentemente, se constata que tanto desgaste cedo resulta em separações e divórcios. Não será alheio a este dado percentual a importância que a mulher está a assumir no tecido económico, cultural e social, importância essa que está associada à perda progressiva da proeminência da autoridade masculina. Parte significativa dos homens está a assimilar com dificuldade a perda de estatuto, tradicionalmente traduzido na trilogia «quero, posso e mando» que a geração anterior ainda declinou sobre a família com quase total impunidade. Todavia, a partir do momento em que a mulher conquistou o direito ao ensino, ao trabalho e a controlar os seus ciclos de fertilidade, desencadeou um movimento de ascensão, caminho indiscutível que tende à igualdade entre sexos. Os projectos de carreira individuais são com frequência incompatíveis com as expectativas que os cônjuges formulam em relação ao parceiro. Em tempo de equilíbrios instáveis cada casal encontra um modo pessoal para se adaptar aos estragos provocados pelas implosões sucessivas. E se para alguns a paisagem da relação possui pontos de contacto metafórico com as imagens de uma Bagdade esventrada, para outros as mil e uma histórias de Sherazade continuam a valer como forma de renovação de um quotidiano inquestionavelmente difícil e complexo.

Interessa neste contexto concluir o esboço de alguns dos painéis da Sociedade da Informação acrescentando-lhe a sua quarta dimensão – a nação. A relação com a terra que nos viu nascer já conheceu tempos mais felizes. As gerações antecedentes mantinham vínculos muito poderosos com a terra, em primeiro lugar porque a esmagadora maioria nascia, viva e morria sem jamais abandonar o lugar onde nascera, ou as suas periferias. Se até ao final da primeira metade do século XX viajar era um privilégio de minorias ricas e cultas, no espaço de seis décadas os povos oriundos de regiões desenvolvidas começam a viajar com frequência e a noção territorial modificou-se substancialmente. Não interessa neste contexto analisar as causas do processo, basta tão só constatar que hoje é cada vez mais insignificante a percentagem dos que não viajam dentro e fora do país de origem. Aliás, é oportuno referenciar os esforços que a União Europeia desenvolve no sentido de promover toda a espécie de intercâmbios para aproximar os cidadãos do espaço europeu e assim se reforçar a ideia de «união». Os programas de mobilidade social subvencionados para alunos e professores de quase todos os níveis de ensino, têm como objectivo expresso o conhecimento e a cooperação com o outro, a vivência em terra alheia e a partilha das formas de trabalhar e de viver. A este factor acresce um outro com igual

importância: um número crescente de funções profissionais preconizam o ressurgimento da chamada «sociedade de nómadas», que está em vias de se reconfigurar numa versão nova e relativamente sofisticada. A facilidade e rapidez das deslocações no espaço, a possibilidade de desempenhar temporariamente funções profissionais em múltiplos pontos do planeta, são factores que sustentam o conceito de nomadismo, que hoje já é apanágio de múltiplos sectores de actividade.

A sustentabilidade do conceito de «sociedade de nómadas» constata-se, por exemplo, na sequência regular de deslocações temporárias dos profissionais altamente especializados em missão mundo fora, dos políticos e diplomatas em permanente vaivém, dos artistas em digressões internacionais, dos executivos e funcionários das multinacionais que saltitam de filial em filial, em redor do globo, dos profissionais de turismo, em «órbita» permanente ao redor da Terra, dos professores e cientistas ligados a universidades prestigiadas, que conferenciam regularmente de escola em escola. A lista poder-se-ia alongar porque já é considerável o número de profissionais obrigados a deslocações rotineiras, mas o que interessa para a análise é demonstrar que o nomadismo ajuda a relativizar a noção de pertença a um dado território e a sedimentar o conceito de «cidadão do mundo».

A diluição do conceito de nação é também catalisada pelo reforço dos laços de dependência económica, a nível mundial. A livre circulação de massas monetárias muito importantes, que fluem instantaneamente pelo planeta ignorando fronteiras e pondo à prova o sistema nervoso das instituições financeiras, a estreita interdependência dos mercados e bolsas de valores, a preponderância planetária de várias multinacionais que regem boa parte dos mercados globais e dos destinos das nações pobres, as tentativas de federar países em unidades políticas e económicas do tipo União Europeia, cuja moeda é um catalisador poderoso de agregação, são factores que tendem a esbater, quando não mesmo a diluir o sentimento de nação. Em países como Portugal a noção de soberania, que séculos a fio alimentou a corda sensível do patriotismo, está hoje confinada ao exercício do poder de um executivo regional formatado de modo simples: Bruxelas dita directivas que o governo põe em prática e o Bundesbank define as regras da política económica financeira e monetária para serem rigorosamente cumpridas pois de contrário a espada da multa – sempre orçamentadas em muitos milhões de euros – paira sobre a carteira de todos os portugueses. Existe, porém, um último reduto que consola e serve de tubo de escape para muitas frustrações: os campeonatos em que participam selecções nacionais. Qual Fénix Renascida que todos os dois anos renasce das cinzas, para disputar campeonatos europeus, ou mundiais, o chamado «clube Portugal», ou «selecção de todos



nós», é o último dos moicanos, que nos ajuda a reacender a chama patriótica, sempre que os resultados desportivos agradam...

O diagnóstico formulado sobre a crise de valores que enforma a percepção do tempo, do emprego, da família e da nação possui inquestionáveis consequências na vida do cidadão. Tal como diz o soneto na chave que encerra o pensamento de Luís de Camões: «E, afora este mudar-se cada dia, / outra mudança faz de mor espanto: / que não se muda já como soía.»

A relação entre a Sociedade da Informação e os seus valores estruturantes é uma variável prenhe de novidades para que urge criar mecanismos de adaptação flexível. Consta-se que a conquista dos valores que, no início do século XXI estruturam o Eu é um processo longo e complexo, gerado na relação que o cidadão estabelece com a sociedade em que se insere: tempo, emprego, família e nação já não são nem o que foram, nem o que se esperava que fossem.

Resta então recorrer aos mecanismos de adaptação que, neste contexto, se aplicam na proporção directa dos graus de instrução e civilização que a sociedade proporciona aos cidadãos. Quanto mais aprofundado for o processo educativo e de integração social de um indivíduo, tanto maior e melhor consciência este adquire dos seus direitos e deveres, da sua importância enquanto ser integrado numa comunidade, que sofre pressões internas e externas às quais é necessário responder com rapidez, eficácia e flexibilidade crescentes. É das linhas-mestras dos processos educativos e de integração social que decorre o modo como cada sujeito gere os tempos do tempo da crise e será por esta via que melhor configura a capacidade de adaptação aos novos procedimentos da Sociedade da Informação.

A pobreza ou a riqueza de cada nação, o seu sistema educativo, o grau de desenvolvimento e acesso aos novos sistemas de comunicação, constituem os indicadores que delimitam a primeira fronteira que separa os cidadãos info-ricos dos info-pobres. A segunda linha divisória estabelece-se no interior de cada país, ou região, entre pequenas comunidades ou indivíduos que, através de iniciativas voluntaristas, reuniram capacidades tecnológicas e comunicacionais para se libertarem da fronteira estreita do isolacionismo e da info-pobreza, entrando por iniciativa própria em alguns dos sistemas da Sociedade da Informação. Finalmente, existe uma terceira linha divisória que já não delimita os territórios antropológicos da pobreza e da riqueza, mas que divide, dentro da chamada info-riqueza, os 'emigrantes digitais' dos 'nativos digitais'. Estas categorias, da

autoria de Mark Prenski,<sup>1</sup> identificam um fosso entre os *Digital Natives*, jovens com menos de 30 anos que conjugam e dominam com fluência a gramática digital, e os *Digital Immigrants*, adultos com mais de 30 anos que desconhecem, ou sabem pouco, das práticas dos nativos digitais mas que desenvolvem esforços consideráveis para manter a pedalada do pelotão da frente.

Considera-se que esta dicotomia enferma de um esquematismo talvez demasiado simplista. Em Portugal, tal como no resto do mundo, os info-ricos são os cidadãos que integravam o grupo etário até aos 25 anos quando o milénio mudou. Já dispunham das condições de bem-estar material para possuir as máquinas e os programas necessários e aprenderam as regras da gramática digital de melhor forma que se conhece – brincando?<sup>2</sup> Durante algum tempo foram reconhecidos como a ‘geração *game boy*’, designação que não só referencia a marca da máquina, como evoca a personagem Mário, um dos heróis favoritos do primeiro grupo etário de nativos digitais. Todos os outros, ou eram info-excluídos, desconhecedores dos benefícios da Sociedade da Informação, ou integraram o grupo minoritário dos ‘imigrantes digitais’ e submeteram-se voluntariamente a processos de aculturação.

Ensina a Sociologia que uma situação deste género gera desconforto – quando não mesmo angústia – uma vez que impõe mudanças profundas ao nível das regras, dos padrões, modelos e por vezes mesmo dos processos mentais. A aculturação – tanto real, como virtual – impõe a assimilação dos novos procedimentos para os quais a mundividência e mundivivência individuais<sup>3</sup> raramente estão preparadas. À primeira vista os processos de assimilação parecem ser tanto mais difíceis quanto mais avançada for a idade do imigrante digital, uma vez que o esforço é maior ao nível de processos e modelos mentais. Quem durante toda uma vida se habituou à regularidade comportamental padronizada, tem dificuldade em aceitar e assimilar os tempos e os processos da mudança que Luís de Camões referencia. Todavia, convém neste contexto desfazer parte do mito que associa esta dificuldade, exclusivamente à idade.

---

(1) Biografia e bibliografia em <http://www.marcprensky.com/> (consulta realizada em Agosto de 2006).

(2) No M.I.T. o investigador Mitchel Resnick desenvolve uma linha de investigação interessante «Lifelong kindergarten que pode ser estudada em <http://www.media.mit.edu/research/ResearchPubWeb.pl?ID=33> (consulta realizada em Agosto de 2006).

(3) O conceito de mundivivência abrange o conjunto de experiências de vida que estrutura uma dada personalidade; a mundividência consiste na formulação de valores ideológicos, morais, religiosos, económicos que contribuem para a formulação do Eu. Ambos coexistem e são indissociáveis, dado que se consideram traves mestras, estruturantes da personalidade.

Hoje, sabe-se que o sexagenário que possui vivências estreitamente associada aos rituais da mudança, demonstra flexibilidade e adaptabilidade por vezes superiores à do cidadão situado entre os 25 e os 35 anos de idade, que só automatizou atitudes e comportamentos miméticos no cumprimento de uma qualquer tarefa rotineira. Cabe neste contexto a referência ao célebre episódio do operário, criado por Charlie Chaplin, que apertava porcas numa linha de montagem e saía da fábrica com atitudes miméticas iguais às que automaticamente desenvolvia durante os períodos de trabalho. A excelente caricatura ilustra as consequências dos gestos repetitivos tão comuns na chamada sociedade industrial. Porém, existem outros automatismos muito mais sérios e que ocorrem com frequência em áreas aparentemente insuspeitas: a involução mental pode suceder em núcleos profissionais inesperados como é, por exemplo, o caso da jovem professora medíocre, que após a conclusão do curso se enquistou no conforto do provimento definitivo do ensino oficial, deixou de ler e de investigar e já nem se apercebe de que já está mesmo velha, intelectualmente falando.

Nos dois casos, a adaptação aos processos de aculturação realiza-se com grande dificuldade, uma vez que se trata de imigrantes digitais sem a agilidade mental necessária para se adaptarem a processos mentais e de trabalho que se situam nos antípodas das actividades rotineiras que exercem. Assim contextualizada, a aculturação serve como metáfora para caracterizar o esforço intelectual necessário para uma adaptação feliz às exigências que a Sociedade da Informação impôs para dela se colherem benefícios. Todavia, para concluir o breve comentário à visão dicotómica de Mark Prenski, é necessário acrescentar uma linha diacrónica que clarifique o processo de aculturação, a fim de demonstrar que o processo de integração na Sociedade da Informação se faz mediante adições progressivas, que afectam tanto os imigrantes, como os nativos digitais.

Há vinte anos, não se falava de integração mas apenas de acesso aos computadores, uma proeza que custava «sangue, suor e lágrimas». Nesse tempo não muito distante, o processo de aculturação microinformática realizava-se face a computadores relativamente dispendiosos que, de início, afixavam no écran negro sempre a mesma mensagem: um símbolo no canto superior esquerdo do écran onde tremeluzia C:\ – caso a máquina possuísse como sistema operativo o Microsoft Disc Operating System (MS DOS). Essa era a face visível de uma lei espartana que fez escola entre os pioneiros da microinformática dos anos oitenta, até meados da década de noventa. O convite que C:\ fazia para se interagir com a máquina, era pouco dialogante, convenhamos. Assumia-se quase como um convite para um diálogo com contornos crípticos, campo reservado a iniciados, capazes de descodificar símbolos e sinais situados muito

aquém das chamadas linguagens naturais, comuns às interações humanas. Assim se reduziu de modo drástico o número dos que foram capazes de dobrar o Bojador das suas insuficiências informáticas. Exigia-se que fosse o homem a ascender a uma competência próxima da programação dos profissionais para poder operacionalizar as funções dos computadores.

De algum modo, esta filosofia de interface pressupunha que o ser humano tinha de passar por um período mais ou menos prolongado de iniciação à linguagem de programação primeiro, às exigências específicas dos comandos do DOS depois, para finalmente poder aceder às potencialidades tanto das máquinas, como dos programas que as operacionalizam. Esta provação – em tudo semelhante a um rito iniciático – faz evocar irresistivelmente valores característicos da cultura medieval que determinavam que para alcançar o bem amado deverá o amador ser capaz de suportar todas as provações até fazer cabal demonstração de que é digno de se elevar até Ela. «Transforma-se o Amador na coisa Amada», escreveu Camões num outro soneto célebre. Aliás, foi também esse o motivo que levou Dante a enfrentar as infernais provações, em nome da sua amada Beatriz. Terá o pressuposto platónico do amor cortês servido de musa inspiradora aos primeiros engenheiros que conceberam os sistemas informáticos?

Mesmo que assim não tivesse sido, não tenho dúvidas em afirmar que uma das razões que afasta um bom número de pessoas dos computadores reside na forma como a máquina convida à interacção. Creio também que – ao menos inconscientemente – alguns especialistas mantiveram este género de linguagem críptica como forma de preservarem a sua pretensa superioridade até quando e onde foi possível.

Se o final da década de oitenta e o início dos anos noventa se caracterizaram por situações como as que acima foram descritas, o certo é que a partir de Agosto de 1991,<sup>1</sup> com o advento de uma *World Wide Web* muito acessível aos não iniciados, aumentou exponencialmente o número de utilizadores das novas funcionalidades dos computadores. Ao deixarem de serem autistas, as máquinas agora ligadas em redes suportadas pelos protocolos TCP/IP, ganharam capacidades comunicacionais insuspeitas. Ter ligações dinâmicas a pessoas dispersas por todo o mundo ali, à distância de um click, foi uma possibilidade nunca dantes entrevista. Os dez primeiros anos de Internet 1991-2001 foram tão excitantes como a época da corrida ao ouro, que contaminou os prospectores do faroeste no

---

(1) Tim Berners Lee, o criador da World Wide Web, publicou o primeiro sítio na Internet no dia 6 de Agosto de 1991: <http://info.cern.ch/>. Mais informações em [http://en.wikipedia.org/wiki/Tim\\_Berners-Lee](http://en.wikipedia.org/wiki/Tim_Berners-Lee), (consultado em Agosto de 2006)

século XIX, de Silicon Valley e um pouco por todo o mundo no final do século XX, início do XXI.

Al Gore, o vice-presidente dos dois mandatos da presidência de Bill Clinton proferiu a sua conhecida máxima «a informação é o petróleo do século XXI» e esta *buzzword* marcou uma corrida às jazidas digitais do ouro negro, residente nos subsolos virtuais de todo o mundo. E aquela foi uma época em que euforia e ignorância coexistiram em divina proporção: toda a empresa digna desse nome criava um sítio na Internet com o qual contava fazer milhões e as mais afoitas avançavam para negócios delirantes, que os mercados bolsistas então propunham. Com o «reventar da bolha» a ignorância persistiu, mas a euforia cedeu o lugar à disforia. Afinal, o Eldorado não estava ali ao virar da rede das redes. A febre do ouro negro transformou-se no pesadelo da maioria das pequenas e de algumas grandes empresas, bem como dos empreendedores individuais que apostaram somas consideráveis em jogos de bolsa, muitos dos quais financiavam projectos absolutamente sem sentido. O lamber das feridas económicas, bem como a sua cicatrização, foi um processo longo, doloroso e os mais pessimistas juraram que jamais as coisas voltariam ao que tinham sido.

E tinham razão.

Pela primeira vez na história da humanidade se dispôs de sistemas simples de redes, relativamente acessíveis que permitem receber, seleccionar, produzir e distribuir informação a nível planetário. Assim descrito, o facto parece banal – e para os que hoje ainda não têm trinta anos custa a acreditar que não tenha sido sempre deste modo! Todavia, as suas consequências são complexas e ainda não foram completamente assimiladas. Faltam ainda elementos para o necessário enquadramento na aparente confusão da paisagem comunicacional do nosso tempo.

No decurso do século XX os países desenvolvidos afinaram e massificaram formas progressivas de difusão de informação. Jornais, revistas, rádios e televisões conheceram melhoramentos progressivos, ao nível dos processos tecnológicos e também dos conteúdos editados. A comunicação de massas generalizou-se e, com o advento dos satélites, atingiu-se a cobertura planetária. Multiplicaram-se em todo o mundo centrais de informação poderosas – algumas com ambições globais como a CNN e a *Al Jazeera* – que cobrem instantaneamente muitos milhões de consumidores. São sistemas de comunicação que produzem a informação para o consumidor ingurgitar passivamente. As duas últimas décadas do século passado e os primeiros anos deste século foram o tempo áureo da massificação e não foi obra do acaso, nem pura coincidência o facto de terem sido a primeira e a segunda guerra do Golfo a marcarem o advento da CNN primeiro, e da *Al Jazeera* depois.

Sucede neste – como em muitos outros episódios históricos – que a época áurea já contém alguns sinais discretos da decadência, como a seguir se irá procurar demonstrar. À sede de informação global sobre os episódios da guerra, tanto os americanos, como os árabes responderam através de centrais globais de informação que rapidamente demonstraram estar próximas das velhas centrais da propaganda comuns a todas as guerras, locais, ou globais.

Mas foi ainda no decurso da segunda guerra do Golfo que uma alternativa *self media*<sup>1</sup> dotada de grande mobilidade surgiu como alternativa credível: vários foram os jornalistas *freelancer* que avançaram para o lado não oficial da guerra do Iraque a fim de publicarem na Internet a informação alternativa por que alguns milhões ansiavam. Os sítios e os blogues assim alimentados tiveram boas audiências porque os mais informados dos cidadãos sabiam que numa guerra – televisionada, ou não – a verdade é invariavelmente a primeira vítima das balas disparadas e dos enquadramentos tendenciosos e que o livre acesso a múltiplas fontes informativas ajudam a desenhar melhor a bissectriz da opinião distanciada.

Quando a segunda guerra do Golfo eclodiu, já foi possível a utilização individual de tecnologia com o preço e a qualidade suficientes para, através do telefone por satélite, alimentar sítios, blogues e até emissões ao vivo com algum *streaming* de vídeo ao vivo. Foi a partir de então que se começaram a esboroar alguns dos mitos dos órgãos de comunicação de massas: o facto de um *freelancer* poder cobrir os eventos da guerra, transmitindo em tempo real e diferido os seus depoimentos escritos, em áudio e vídeo, demonstrou que na perspectiva tecnológica o privilégio da comunicação global e instantânea já não estava só ao alcance de organizações economicamente muito poderosas.

A exibição plena das potencialidades do *self media* ficou demonstrada, e enquanto as redes de televisão mantêm custos exorbitantes que as tornam reféns dos grupos económicos e políticos das sociedades em que se inserem, pelo contrário, a acessibilidade económica dos meios pessoais de comunicação, a sua maneabilidade, edição, produção e distribuição permitem tanto ao *freelancer* como a qualquer cidadão uma actividade de edição e de publicação realmente independente dos mediadores e dos poderes estabelecidos.

---

(1) Na dicotomia que opõe o *mass media* ao *self media*, considera-se este segundo como integrando um conjunto de máquinas portáteis, *notebook*, telemóvel, antena de difusão via satélite, etc. que permitem a comunicação individual, independente dos grandes órgãos de comunicação.

Uma outra perspectiva do problema reside na própria essência do *mass media*: no caso concreto das redes de televisão, as suas emissões – pela característica unidireccional de que se revestem – não só estão sujeitas à ditadura das grelhas temporais, como a sua interactividade se vê reduzida às margens ínfimas do telefonema, ou mais recentemente, da mensagem electrónica enviada via Internet. E é neste ponto que reside a principal diferença qualitativa entre *mass media* e os meios digitais de expressão individual: enquanto o primeiro é essencialmente um emissor de informação mediada por muitos filtros e destinada a ser consumido passivamente, o segundo não só é receptor como tem – pela primeira vez na história da humanidade – capacidade para emitir a informação produzida a um preço que é acessível às bolsas do cidadão comum. A potencialidade existe, está lá no interior dos sistemas de *hardware* e de muitos programas de *software*. Depende apenas do livre-arbítrio do utilizador transformar-se em produtor activo de informação, já que os custos de produzir um sítio na Internet, ou um blogue são hoje reduzidos.

Colocar ao nível do indivíduo a possibilidade de ser produtor da sua própria informação, que pode ser consultada, tanto local, como planetariamente, foi a maior revolução que a história da comunicação humana produziu. E os resultados estão à vista, nos muitos milhões de páginas individuais, pertinentes e impertinentes, publicadas em todas as línguas da nossa Babel. Assim ficou demonstrado o que alguns antecipadamente já sabiam: a pluralidade de vozes de todas as cores e de todos os quadrantes tem na Internet o seu lugar de eleição, acessível a quem deseje possuir uma visão crítica e distanciada dos fenómenos que ocorrem.

É entretanto cada vez mais evidente a erosão que os grandes meios de comunicação de massa sentem ao nível do seu poder económico e da capacidade de mediação que dele decorre. O tão celebrado «quarto poder» foi uma metáfora consagrada no século XX, que tende cada vez mais para a caricatura do «quarto do poder» à medida que se revelam as pautas e os tons da afinação que os tenores dos múltiplos canais tendem a executar nos alinhamentos sistemáticos que fazem com as diferentes centrais de informação política, ou dos grupos económicos que lhes garantem o pão.

O Google, ao oferecer ao internauta o repositório de todas as notícias publicadas sobre determinado assunto, num dado país ou região, veio apenas demonstrar o que muita gente supunha: de facto, «o rei vai (mesmo) nu».

Razão teve Camões ao escrever no primeiro terceto do soneto citado «O tempo cobre o chão de verde manto, / que já coberto foi de neve fria, / e em mim converte em choro o doce canto.» Prevê-se que a conversão em choro do doce canto dos tenores mediáticos aumente de amplitude

sonora nos tempos que se avizinham e tal facto não se deve apenas a questões relacionadas com o natural envelhecimento. No contexto que o Google evidencia, é agora manifesto que os órgãos da informação vendem todos praticamente a mesma informação, sem valor acrescentado que justifique o preço por que nós os compramos, sobretudo quando essa mesma informação está disponível gratuitamente na rede das redes.

Para os que desconhecem a funcionalidade do «Notícias Google», a explicação desenvolve-se em meia dúzia de linhas: o Google pesquisa e arquiva os noticiários publicados em muitos idiomas, organizando-os em repositórios agregados segundo temas diários. Esse arquivo é actualizado com grande regularidade e, se o leitor desejar organizar a sua página de abertura do Internet Explorer, ou de qualquer outro *browser*, com a funcionalidade noticiosa que o Google oferece só tem de premir em «Notícias». Depois, escolhe as áreas temáticas que deseja ler, bem como os alertas que pretende lhe sejam enviados para a sua caixa de correio electrónico. Pagina as escolhas em função do gosto pessoal, grava as suas opções nos servidores do Google e o sistema refresca o noticiário múltiplas vezes por dia, enviando para a sua caixa de correio os alertas que aparecerem sobre o(s) tema(s) que escolheu.

As notícias apresentadas são oriundas de todos os órgãos de informação que possuem *web site*. Apresentam um pequeno sumário, espécie de resumo com o essencial da informação e, a seguir, criam apontadores para todas as publicações que naquele momento abordarem o mesmo tema. Quem deseje pesquisar as 80, 90, 100 e mais fontes de informação ali reunidas – por vezes ultrapassam estes números desde que o assunto seja muito relevante – cedo descobre que a informação é praticamente toda idêntica, pois afinal os meios de comunicação de massas raramente adicionam valor às notícias recebidas. No essencial, trata-se de matéria noticiosa que a Agência Lusa, Reuter, France Press, Associated Press, etc. vende a jornais, rádios e televisões e à qual os corpos redactoriais se limitam a acrescentar um chapéu, ou seja, um título a rimar com cor política ou o grupo económico a que o órgão de informação pertence.

A crónica da morte anunciada dos meios de comunicação de massa está a ser escrita pelos próprios e quando se menciona a tão propalada «credibilidade» da informação publicada, ela afinal residirá nas grandes Agências Noticiosas que, por enquanto, ainda não enfiam chapéus às notícias que vendem aos seus clientes. O que o Google fez, ao oferecer esta «comodidade», foi por a nu a debilidade congénita ao modelo de negócio da maioria dos órgãos de comunicação.

No entretanto da vida, os meios digitais de comunicação individual, crescem de forma aparentemente caótica na rede das redes e a sua disseminação tem assumido formas inesperadas que já estão para lá dos



sítios na Internet, das revistas electrónicas, para se assumirem como blogs,<sup>1</sup> podcasts,<sup>2</sup> vlogs<sup>3</sup> e o que mais adiante a imaginação e a necessidade irão ditar. Sublinhe-se neste contexto que é crescente o número de empresas e de profissionais da comunicação tradicional que entenderam os sinais da mudança e que usam formas pessoais de comunicação electrónica para complementarem as peças que produzem, por exemplo, para a sua rádio, ou para o jornal televisivo e que, por motivos de paginação, programação, alinhamento, etc. não couberam nas edições diárias. Nesse contexto, são os próprios autores a aproveitar a matéria que não foi publicada para a editar na sua publicação electrónica, ou a integrarem na edição *online* do seu órgão de informação.

As vidas paralelas que a informação neste momento percorre até chegar ao consumidor, geraram alguns pontos de intersecção através dos quais se procuram encontrar espaços de coabitação e de coexistência entre *mass* e *self media*. Mas creio ser oportuno citar neste contexto o pensamento de Bertold Brecht quando escreveu que «nada nasce do nada. O novo nasce do velho e é por isso mesmo que é novo.» À primeira vista ainda parece existir espaço para a coabitação e coexistência entre o velho e o novo, durante mais algum tempo. Mas a trajectória de ruptura comunicacional já surge claramente delineada através do chamado «processo de criatividade destrutiva», glosando a expressão cunhada por Joseph Schumpeter. Quando uma novidade irrompe no tecido social tem tendência em erigir-se como alternativa ao que já existe. Daqui decorre uma contestação que é tão antiga como o próprio conflito das gerações humanas. Por enquanto, constata-se que o *self media* possui debilidades congénitas, das quais a credibilidade noticiosa será a mais evidente. Todavia, a publicação individual não persegue a credibilidade informativa porque esse não é o seu objectivo primeiro. No contexto actual trata-se de fazer sair o indivíduo da massa anónima em que está mergulhado, de lhe dar rosto, voz e oportunidade de expressão dos seus desejos, pensamentos, criatividade e indignação, trata-se em suma de fazer emergir o Eu da lama indiferenciada do anonimato da massificação para o projectar para a singularização almejada e tão prometida à «I Generation».

---

(1) «Um *weblog* é um registro publicado na Internet relativo a algum assunto organizado cronologicamente (como um histórico ou diário)». [pt.wikipedia.org/wiki/Blog](http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog) (consultado em Agosto de 2006).

(2) «Videoblog (Videolog ou Vlog) é uma variante de weblogs que cujo conteúdo principal consiste de vídeos.» In [pt.wikipedia.org/wiki/Vlog](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vlog) (consultado em Agosto de 2006).

(3) «Podcasting é uma forma de transmissão de programas de áudio que utiliza feeds RSS para distribuir o conteúdo. Esta é a grande diferença em relação aos audiodiários.» [pt.wikipedia.org/wiki/Podcast](http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast) (consultado em Agosto de 2006).

Na Internet pode-se ter acesso ao que se quer, quando se quer e – o que é mais importante de tudo – é possível assimilar informação em função do ritmo cognitivo individual. Esta será uma das vias que irá progressivamente orientar o trânsito da Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento. Sempre que o internauta deseja produzir e publicar pensamento, necessita de adquirir alguns conhecimentos básicos para ter acesso à edição regular do seu blogue, por exemplo. Para se concretizar esse objectivo já não são exigidos conhecimentos técnicos, basta apenas vontade e capacidade de expressão escrita. A maioria das pessoas adora falar de si, dos seus problemas, expectativas, desejos e intenções. As suas reflexões, a forma como aprende a entrelaçá-las com reflexões alheias, formam uma rede de pensamento, uma teia de ligações dinâmicas que cresce a um ritmo nunca dantes visto. Aliás, quem puder passar algum tempo a analisar os conteúdos de alguns sítios, blogues, podcasts, vlogs, e ainda os vídeos curtos publicados no sítio YouTube,<sup>1</sup> ou os que Google oferece em séries intermináveis, tem oportunidade para aferir as tendências dos grupos etários mais jovens e, sobretudo, poderá discernir os movimentos que se avizinham para o futuro próximo.

As linhas de força da mudança, a complexidade das pequenas e grandes novidades que pululam na Internet, a aceitação generalizada de novas formas de expressão individual simples, mas muito poderosas estão na base da mudança de paradigma. O tempo da *Web 1.0* está em vias de terminar porque se constatou já existirem boas alternativas ao estilo e à tecnologia desta primeira linguagem digital. Em seu lugar surgiram novas ferramentas de expressão individual, a que se convencionou chamar *Web 2.0*. Convém abrir aqui um parêntesis para reforçar a ideia de que esta mudança de paradigma não é o produto de uma bizzarria de pensadores deslumbrados com a complexidade dos tempos e da mudança, que tanta perplexidade causou ao nosso primeiro poeta.

Constata-se que a *Web 1.0* contém formulações digitais pesadas, que exigem o domínio de ferramentas complexas para produzirem resultados pouco flexíveis, quer para as pessoas que a elas desejam aceder, quer para os motores de pesquisa que as irão indexar.

Linguagens pioneiras como o HTML, estão progressivamente a ceder o lugar a formas de escrita mais ágeis como o XML, que para lá de representarem a informação, contém metatextos invisíveis ao olhar do leitor,

---

(1) YouTube é um dos sítios mais visitados na Web. Em Julho de 2006 a empresa Nielsen auditou nos chamados Net Rating cerca de 20 milhões de visitantes por mês que se dedicam a ver, comentar e classificar os videogramas que a comunidade aí coloca. Dados recolhidos em Agosto de 2006, em <http://www.wired.com/news/culture/0,71588-0.html?tw=rss.index>

mas essenciais para a pesquisa e a indexação dos dados que contêm. As formulações laboriosas de grandes sítios estáticos, que exigem apreciáveis quantidades de recursos humanos e financeiros para, finalmente, apresentarem resultados de exploração minimalistas, ou quase, constituem um paradigma ultrapassado.

Tal como a seguir se irá demonstrar foi ilusória a aparente apatia que sucedeu com o «rebentar da bolha» e a falência de algumas das empresas tecnológicas, cotadas ou não no Nasdaq. A apatia, a existir, só aconteceu entre aqueles que perderam somas consideráveis por não compreenderem a profundidade e a extensão do movimento em curso. Mas para lá da arrogância e da ignorância com que os «prospectores de petróleo» avançaram para a pesquisa dos subsolos virtuais, para lá das múltiplas tentativas de tomada do poder na rede das redes, esta não só resistiu bem, como reforçou o seu poder. Foi muito importante saber assimilar as manifestações de interesse económico e financeiro, essenciais ao seu salutar desenvolvimento. Mas não foi menos decisivo prosseguir uma linha de desenvolvimento, concebida ao arrempeço da tática e da estratégia que certas multinacionais querem impor.

Nesta perspectiva o que distingue a *Web* 1.0 da sua sucessora tem sobretudo a ver com modelos de negócios e neste confronto opõe-se um fornecedor único de *software*, com uma base instalada em mais de 90% dos computadores de todo o mundo – a Microsoft<sup>1</sup> – a uma nova empresa que não vende *software* – oferece-o. A Google é uma base de dados especializada em pesquisar, tratar, gerir e retirar lucros dos dados que toda a gente publica na Internet. Oferece peças de *software*, cada vez mais interessantes, porque percebeu que «o valor do *software* é proporcional à escala e ao dinamismo dos dados que gera».<sup>2</sup> Neste contexto, considera a Internet como uma plataforma aberta, um sistema sem dono, que se sustenta sobre uma base de protocolos comuns, programas de domínio público e uma forma de cooperação competitiva, ou «coopetição» no dizer feliz de Dave Clark.<sup>3</sup>

A noção de que o negócio na Internet assentava sobre publicações foi a matriz e o modelo de negócios da *Web* 1.0 e desse ponto de vista a

---

(1) Crê-se não ser obra do acaso, nem mera coincidência o facto de Bill Gates se ter retirado em 2006 da administração da Microsoft, para se dedicar, em exclusivo, à gestão da Fundação com o seu nome.

(2) Tim O'Reilly «What is Web 2.0» in <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> (consultado em Agosto 2006).

(3) Dave Clark é um dos pioneiros da Internet, e foi o primeiro presidente da Internet Association Board – IAB. Segundo o autor, uma das maiores virtualidades da Internet reside no equilíbrio entre competitividade e espírito de cooperação, uma vez que uma não pode anular a outra e ambas funcionam sob a bandeira do TCP/IP.

plataforma Windows esmagou toda a concorrência que ousou fazer-lhe frente porque enquanto os concorrentes apresentavam aplicações isoladas, como o Lotus, ou o Netscape, Real Networks, e outros, a Windows é uma plataforma integrada de aplicações embutidas e que funcionam tanto melhor quanto se conservarem em ambiente de exclusividade. Quem já experimentou tentar retirar o Internet Explorer, ou o Windows Media Player do sistema operativo Windows para instalar um outro idêntico conhece as dificuldades com que se confrontou e os sustos por que passou. Foi aliás esta atitude monopolista que determinou a série de processos judiciais que tanto nos EUA como na UE foram e são movidos contra a Microsoft.

Com a *Web 2.0*, pela primeira vez duas plataformas com dois modelos de negócio diferenciados estão em confronto. É muito cedo para tentar prever qual vai ser a vencedora e aliás, esse não é o objectivo do artigo. Interessa deste ponto de vista reter a ideia também formulada por Tim O'Reilly que «a single monolithic approach, controlled by a single vendor, is no longer a solution, it's a problem. Communications-oriented systems, as the Internet-as-platform most certainly is, require interoperability.»<sup>1</sup> Analisada a questão nesta perspectiva, parece evidente que a Google apresenta algumas vantagens e algum avanço conjuntural, mas não se deve minimizar nem o capital de inteligência concentrada, nem a capacidade económica da empresa de Redmond. Todavia, parece esgotado o modelo de negócio que assentava em saídas regulares de caixas distribuídas globalmente, com *software* obrigatoriamente licenciado.

A este respeito, o Autor citado acrescenta «None of the trappings of the old software industry are present. No scheduled software releases, just continuous improvement. No licensing or sale, just usage. No porting to different platforms so that customers can run the software on their own equipment, just a massively scalable collection of commodity PCs running open source operating systems plus homegrown applications and utilities that no one outside the company ever gets to see.» E Tim O'Reilly conclui «The Web 2.0 lesson: leverage customer-self service and algorithmic data management to reach out to the entire web, to the edges and not just the center, to the long tail and not just the head.»

Esta longa citação de um dos mais importantes divulgadores do conceito justificou-se para enquadrar as diferenças entre os dois modelos de negócio na área do *software* que, por sua vez, reflectem a mudança de paradigma que já se entrevê também ao nível do *hardware*.

---

(1) Tim O'Reilly «What is Web 2.0» in <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> (consultado em Agosto de 2006).

Se é certo que o PC ainda ocupa uma posição dominante no mundo digital, a miríade de pequenos aparelhos dotados de ligações à rede das redes é uma realidade a levar em linha de conta. De facto, os novos dispositivos de comunicação pessoal não são alienígenas, nem produto da ficção científica. Existem e conhecem contínuas melhorias exponenciais nos seus desempenhos. Genericamente conhecidos pela designação de media digitais e englobam os computadores ultra portáteis, os PDA's,<sup>1</sup> telemóveis de 3ª geração, sendo que alguns são herdeiros directos dos PC. O computador pessoal nascido nos laboratórios da IBM e comercializado em 1981, que ainda ocupa lugar de relevo nos tempos das secretárias da maioria dos escritórios, acompanhou o nascimento, crescimento e a morte da *Web 1.0.*, mas os novos media digitais são a bandeira e a linha avançada da *Web 2.0*, dada a extrema portabilidade que os caracteriza.

Hoje é difícil imaginar a repetição da cenas dos últimos 30 anos de história da informática, durante os quais máquinas e excelentes sistemas operativos, tais como Atari, Commodore Amiga e outros tantos, foram soçobrando, um a um, até que no final dominou o monopólio «Wintel»<sup>2</sup> com a parte de leão do mercado, e o Mac, da Apple, para privilégio exclusivo de minorias com pretensões artísticas e bom poder de compra.

No que ao *software* diz respeito a *Web 2.0* é um conceito em redor do qual gravita uma miríade de pequenas aplicações, cujo sucesso depende da frequência e intensidade dos usos que a comunidade lhe dispensa. A noção é fácil de compreender ao analisar o fenómeno do blogue individual e das pequenas aplicações de *software* gratuito que viabilizam a sua performance. Agregados em milhões de páginas individuais, os blogues geraram um movimento de amplitude à escala global – a blogesfera, neologismo que referencia o intricado sistema de referências mútuas que se estabelece entre blogues, vlogues, *web pages*, enfim, entre todas as formas de publicação na Internet, sejam da primeira, ou da segunda geração da *Web*. A estratégia referencial da blogesfera é viabilizada por dois importantes embraiadores: o primeiro, oriundo da *Web 1.0*, já aqui referido: trata-se do sistema de ligações dinâmicas, que permite a cada sítio, ou blogue, apontar externamente um outro sítio, ou blogue que con-

---

(1) Acrónimo anglo-saxónico de Personal Digital Assistant.

(2) Wintel foi um acrónimo que circula na Internet, inventado para demonstrar a fusão de duas marcas que funcionam em conjugação concertada: Windows e Intel. A primeira cria novas versões cada vez mais pesadas do mesmo sistema operativo, a segunda fabrica processadores cada vez mais poderosos, mas sempre esmagados pelas exigências de processamento que as actualizações do sistema operativo impõe. Daqui decorre alguma frustração sentida, sempre que se conclui que a máquina recém adquirida afinal tem um comportamento muito similar à anterior.

sidere relevante. O segundo embrião nasce com a *Web 2.0* e é uma das suas ferramentas mais importantes: RSS,<sup>1</sup> acrónimo de Real Simple Syndication é um sistema referencial que permite a alimentação contínua de todo o tipo de informação, oriunda de múltiplas fontes. Assim que o utilizador instala um qualquer programa RSS gratuito, passa a ser notificado das alterações que sofrem as publicações que está interessado em seguir regularmente – blogues, vlogues, sítios, etc. Deste modo, as pessoas podem subscrever os sítios dos outros, redigir e colocar comentários e, através do sistema «*trackback*,»<sup>2</sup> podem também saber quem faz ligações dinâmicas à sua página e, reciprocamente, retribuir com outros comentários e/ou ligações.

Consideram-se, portanto, blogues, vlogs, podcasts e sítios dinâmicos como expressões individuais do Eu, que geraram um movimento em crescimento exponencial – a blogesfera. Esta nova entidade é o denominador comum da *Web 2.0*. A sua tessitura é constituída pelo conjunto das manifestações individuais agregadas através aplicações de *software* gratuitas que permitem a integração e o contacto bidireccional. Dado que todas as publicações individuais inicialmente estão posicionadas a níveis idênticos de importância, a blogesfera constrói-se sobre um sistema de rede P2P,<sup>3</sup> e a sua avaliação é periodicamente feita através de técnicas algorítmicas, das quais o Page Rank<sup>4</sup> é a mais conhecida.

---

(1) *RSS feeds* ou os *Atom Feeds* são ficheiros de metadados, desenvolvidos em linguagem dinâmica *XML* (*eXtensible Markup Language*) que contém uma descrição do conteúdo do ficheiro a que pretendemos aceder (WIKIPEDIA, 2006). A tecnologia *RSS* foi criada em 1997, a partir da tecnologia de Dave Winer's de *Really Simple Syndication*, usada para actualizar a informação nos *blogs* e da tecnologia *Reach Site Summary* que permitia aos utilizadores da *Netscape* alterar o fluxo de informação das páginas iniciais dos seus sítios.

(2) *Trackback* é um sistema que envia um *ping* entre os dois blogues de forma a determinar se os textos do blogues estão ligados entre si. De algum modo, o *trackback* permite avaliar a importância e popularidade do blogue.

(3) A expressão P2P – *Peer to Peer* – identifica todos os sistemas de ligação em rede nas quais se confere igual importância a todos e cada um dos elementos nela agregados. Este sistema difere da chamada ligação em estrela na qual a agregação é subordinada um dado núcleo central, que é preponderante e exerce alguma espécie de controlo sobre os restantes elementos.

(4) Larry Page e Sergey Brin são os fundadores da Google. O génio matemático de Page e dos seus colaboradores conduziu à criação do mais bem guardado algoritmo da história recente da Ciência: chama-se *Page Rank* e é universalmente aceite como o sistema que avalia a real importância de todas as publicações na Internet e o posicionamento que cada uma irá ter no *ranking* do Google o nos outros motores de pesquisa. Tanto quanto se sabe, para a criação do algoritmo Larry Page seguiu o modo como nas universidades os investigadores avaliam a importância dos seus trabalhos: mediante o sistema de citações recíprocas, que demonstram a pertinência e importância de um dado trabalho científico.

Tim O'Reilly, escreveu a este respeito «the blogosphere is the equivalent of constant mental chatter in the forebrain, the voice we hear in all of our heads. It may not reflect the deep structure of the brain, which is often unconscious, but is instead the equivalent of conscious thought. And as a reflection of conscious thought and attention, the blogosphere has begun to have a powerful effect.»<sup>1</sup>

Transcreve-se a metáfora do autor norte-americano por se considerar interessante a imagem que ela contém. De algum modo concorda-se com a ideia de que a blogosfera pode ser comparada à zona do neocortex, lugar frontal do cérebro onde os neurónios (os blogues no caso vertente) desenvolvem contínuas sinapses através das suas dendrites. Os embriadores da comunicação – RSS e *links* – activam neurotransmissores bidireccionais, e geram um murmúrio, uma conversa permanente que mantém activo o grande «cérebro» em que a blogosfera está em vias de se transformar.

Será difícil imaginar que este cérebro, mesmo metaforicamente entrevisto, possa vir a ter um só dono. Se é certo que Ludwig van Beethoven se orgulhava de ser proprietário de um cérebro – o seu – dificilmente se concebe que um qualquer Bill Gates aspire a ser proprietário de um imenso cérebro colectivo – o de nós todos, os que participamos activamente na blogosfera. Quaisquer ambições, mesmo as do homem mais rico do mundo, também devem ter limites e sempre que o sistema de autoregulação é incapaz de erguer um dique à cobiça desmedida, existem entidades reguladoras com capacidade bastante para sustar hegemónias excessivas.

A este respeito recorde-se que Dave Clark, o primeiro presidente da já mencionada *Internet Association Board*, sintetizou o espírito que presidiu à criação e ao funcionamento da rede num discurso que proferiu perante os membros do IETF<sup>2</sup> ao afirmar que «rejeitamos os reis, os presidentes e mesmo os votos. Acreditamos nos consensos aproximados e nos códigos que funcionam»<sup>3</sup> A recusa de qualquer tipo de concentração do poder e das suas variantes, mesmo consubstanciadas em formas organizativas das velhas democracias ocidentais, faz da Internet um caso

(1) *Idem ibidem*

(2) IETF (Internet Engineering Task Force): é uma organização técnica da Internet formada por milhares de engenheiros – que trabalham de modo benévolo – encarregues de proporem, analisarem e distribuírem pelos grupos de discussão novas propostas para a melhoria continuada de programas gratuitos e do sistema, em geral. Já 1995, a amplitude deste organismo era tão vasta que foi decidido criar uma estrutura organizativa o IESG (Internet Engineering Steering Group) para monitorar as actividades do IETF.

(3) Citado de Christian Huitema, *Et Dieu Créa l'Internet*, Paris, Flammarion, 1995, p. 80.

merecedor de ponderação. A configuração física da rede, foi desde sempre fundamentada no princípio da descentralização. A sua força reside na disseminação dos nós espacializados planetariamente, na interconectividade de redes complementares, dispersas por múltiplos pontos, apenas unificados pelo protocolo de transferência de comunicação, universal e gratuito, conhecido pela sigla TCP e pela linguagem específica da Internet, IP.

Qualquer fornecedor de informação da *Web 1.0*, por mais poderosa que seja a multinacional que o apoie, ao ligar-se à rede, não só disponibiliza a informação proprietária, como é obrigado a interconectar-se com os servidores mais próximos, a fim de potenciar acessos. Caso assim não proceda, e crie um «beco sem saída», ou «jardim murado», vê a sua informação ser preterida por outras organizações menos sectárias que potenciam a interconectividade a servidores geograficamente próximos. Uma das maiores virtualidades da Internet reside no equilíbrio subtil entre competitividade e espírito de cooperação já mencionado.

Crê-se que a evolução da *Web 1.0* para a *Web 2.0* é um movimento irreversível que se irá desenrolar gradualmente, como aliás ocorre com todos os outros movimentos. É difícil prever a graduação da velocidade a que a evolução irá decorrer, de qualquer modo acredita-se que as aplicações que hoje em dia se desenvolvem para a rede não podem deixar de levar em linha de conta a necessidade de promover a partilha entre quem constrói e quem usufrui, participando activamente no processo, caso esteja interessado nele. Considera-se imprescindível que o acto conceptual de novos projectos de desenvolvimento de aplicações seja embebido na arquitectura da participação associada à ética de cooperação, de molde a estimular a inteligência existente na rede a participar no projecto, individual e colectivamente.

A revolução em curso no mundo da comunicação impõe a superação da velha dicotomia novecentista que separa os «pensadores» da «ganga operária» que constrói os dispositivos. Se os chamados pensadores dos fenómenos da comunicação não despirem as becas para arregaçarem as mangas e vestirem a ganga mental (ao menos ao nível do blue jeans), para tentarem entender o que acontece no mundo das tecnologias, se o não fizeram repito, estarão ausentes do mais importante movimento cultural e civilizacional *post-Guttenberg*. O mesmo acontece com os tecnólogos fundamentalistas, se persistirem em não problematizar com seriedade as consequências sociais, culturais, económicas e civilizacionais dos programas e das máquinas que dão corpo à galáxia de aplicações *Web 2.0*. Tanto as pseudo gangas, como as becas filosofantes, são figurinos que por si só pouco valem nos cenários actuais da comunicação. Esta dicotomia não só está ultrapassada, como está embebida de



um platonismo serôdio. A compreensão da *Web 2.0* exige ao analista dos fenómenos que alie teoria e prática, que não se limite a ser espectador passivo e distante do processo de fusão que ocorre no cadinho onde se fundem os moldes dos sistemas interactivos de comunicação.

Neste contexto importa concluir o artigo da mesma forma que se iniciou: Luís de Camões reflectiu, ainda que de modo indirecto, sobre estas questões e deixou-nos um legado intemporal, que por vezes é importante revisitado. No soneto em que se aborda a transformação do sujeito na coisa amada, logo nas duas primeiras quadras, o poeta desenvolve um raciocínio brilhante sobre as operações lógicas de todos quantos se apoderam por via intelectual de uma ideia, com ela coabitam, deleitando-se no espaço da paixão e nesse encantamento se detêm por nada mais almejarem obter. Todavia, o poeta queixa-se de que uma ideia – qualquer ideia, mau grado a sua grande beleza – não passa de uma abstracção de uma construção intelectual que pode gerar algum deleite, mas nunca satisfaz completamente. Camões revolta-se contra a construção mental dos pensadores para quem a ideia é condição necessária e suficiente para a auto satisfação, intelectualmente falando. Daí que na chave se erga um enorme grito de revolta que justifica plenamente a citação: «[E] o vivo e puro amor de que sou feito, como matéria simples busca a forma.»

«Transforma-se o amador na cousa amada,  
Por virtude do muito imaginar;  
Não tenho logo mais que desejar,  
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
Que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,  
Que, como o acidente em seu sujeito,  
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;  
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,  
Como matéria simples busca a forma.»

**BIBLIOGRAFIA**

- BRETON, P. «Norbert Wiener et la naissance du paradigme informationnel», *Colloque Des lois de la pensée au constructivisme: conceptions et modélisations de l'acte de connaissance*, Paris: MSH, 28 et 29 avril, 1998.
- CARNEIRO, R. «2020: 20 Anos para Vencer 20 Décadas de Atraso Educativo». In R. Carneiro (Coord.), *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem: 21 Ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão 2001.
- CASTELLS, M. *A Galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2004.
- COGNITION AND TECHNOLOGY GROUP AT VANDERBILT. «Technology and the Design of Generative Learning Environments». In T. Duffy e D. Joanassen (Eds.), *Constructivism and the Technology of Instruction: A conversation* (pp. 77-89). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1992.
- CORREIA, C., «Algumas reflexões sobre a leitura e a escrita multimidiática relacionadas com as ciências cognitivas». In B. Detry e F. Sima (Coord.), *Educação, Cognição e Desenvolvimento* (pp. 153-166). Lisboa: EdiNova, 2001.
- LÉVY, P., *Filosofia World. O Mercado, o Ciberespaço, a Consciência*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- RESNICK, M. «Playful Learning and Creative Societies». *Education Update*, vol. VIII, nº 6, February, 2003.